



VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINOS E RAPAZES – VÍTIMAS INVISÍVEIS.

Ana Paula Cabral de Melo¹

Dentre os trabalhos – nacionais e internacionais – publicados acerca das violências sexuais perpetradas contra o público infanto-juvenil (AZEVEDO; GUERRA; JUSTICE e JUSTICE), percebe-se a existência de um grande contraste: analisa-se que são discutidos, quase em sua totalidade, os casos de abuso sexual cometidos apenas contra meninas, garotas e mulheres, sendo encontrados poucos trabalhos no meio científico abordando essa este tipo de violação de direitos quando efetivada contra crianças e adolescentes do sexo masculino, conforme afirma Sebold (2007): “Nos últimos anos a questão do abuso sexual de crianças e adolescentes tem sido focalizada com mais atenção. A maioria dos profissionais tem concentrado seu esforço no tratamento de meninas, mais especificamente as vítimas do incesto pai-filha.” (p. 1)

Um dado de vital importância torna esta realidade ainda mais inquietante: a crença quase hegemônica na sociedade de que este tipo de crime acontece apenas com representantes do sexo feminino. No bojo de uma sociedade tradicional e notavelmente machista, violenta, que cultiva a competitividade antes de tudo, na qual o homem é o símbolo de um *status quo* de dominação, poder e força, é quase inaceitável que um menino ou mesmo um adolescente do sexo masculino possa vir a se tornar uma vítima de um crime desta natureza. Em pioneiro e aprofundado estudo sobre o tema no Brasil, Pinto Júnior (2005) traz mais elementos para que possamos compreender os motivos pelos quais existe a falsa idéia de que uma criança ou adolescente do sexo masculino não seja uma vítima em potencial deste tipo de crime:

A violência sexual contra meninos ainda é pouco estudada pela comunidade científica. Somente a partir da década de 1980 que a literatura acerca da violência sexual contra meninos começou a ser identificada. O fato de existirem poucos trabalhos sobre a vitimização masculina, comparada com o número de estudos sobre a vitimização feminina, parece estar vinculado sobre as questões da masculinidade. Parece haver uma ideologia, não só entre o senso-comum, mas também a nível das representações teorias científicas, de que os meninos estão imunes a este tipo de violência, por causa de sua ‘força de macho’ e que, quando são vitimizados sexualmente, é porque permitiram e/ou desejaram. (p.17)

¹ Assistente Social pela UFRN. Atuando na Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social – SEMTAS, Natal/RN. Pós-graduanda em Serviço Social e Política de Assistência Social à Infância e a Juventude na Perspectiva do SUAS pela UNP/RN. Pesquisadora na área da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Email:* anapaula.assistsocial@yahoo.com.br



Cultura, machismo e questões de gênero no abuso sexual contra meninos e rapazes

Em seu artigo ‘A construção do masculino: a dominação das mulheres e homofobia’, Welzer-Lang (2001) traz um cuidadoso estudo sobre o que é o *masculino* e como este conceito é criado, mantido e repassado de geração a geração, desvelando todo um universo de ritos e passagens provenientes da cultura ‘do que é ser macho’, ‘do que é ser homem’. Por meio da alegórica “*Casa dos Homens*”² e utilizando-se de categorias como ‘pequeno homem’, ‘jovem homem’, e ‘grandes homens’, Welzer-Lang nos faz passear por um intrincado mundo de jogos de valores, significados, e rituais tradicionalmente inculcados no homem.

Dentre tantos aspectos culturais, o autor destaca vários determinantes intrínsecos nas relações masculinas – a submissão explícita dos mais fracos aos mais fortes; as complicadas redes de comportamentos existentes no mundo de relações dos homens, onde passam a importância de se haver respeito e obediência a ritos e normas; os jogos de poder e os níveis de hierarquização que perpassam os relacionamentos masculinos, abarcando todas as suas esferas de convivência.

Um desvelamento importantíssimo trazido por Welzer-Lang é a relação *violência-dor* e o modo de como os homens são ensinados, desde ‘pequenos homens’ a como aprender a suportar a dor para poderem se tornar ‘grandes homens’ no futuro. Aborda, por consequência, o uso entranhado da *violência* como *mediadora* destas relações – o que vem a destacar uma forte ideologia presente nestes rituais de passagem:

[...] alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens que esta aprendizagem se faz no sofrimento. Sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar tão bem quanto os outros, sofrimento dos corpos que devem endurecer para jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam, por uma espécie de jogo sadomasoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra ou “amaldiçoar” – para integrar o círculo restrito dos homens. (2001, p. 463)

Em se tratando da violência como sendo algo agregado ‘naturalmente’ à construção do ser masculino, somos remetidos então à questão de gênero – compreendido aqui como “o sexo socialmente construído” (BARBIERI, 1993, p. 04), onde percebe-se que a construção social do que vem a ser ‘feminino’ desenvolve-se de maneira diametralmente oposta à construção do ‘masculino’, calcando comportamentos, ações e pensamentos de doçura, bondade e submissão para a mulher.

Em seu livro “Violência Sexual contra Meninos: um estudo fenomenológico”, Pinto Júnior (2005), vem desconstruir esta imagem errônea de imunização em relação às crianças e adolescentes do sexo masculino, alertando que o problema da violência sexual não se constitui em um problema único e exclusivo do sexo feminino, ao mesmo tempo em que enfatiza que “a maioria das políticas

² Welzer-Lang, referindo-se aos trabalhos de Maurice Godelier (1982), nomeia então o conjunto dos lugares e espaços sociais notadamente masculinos descobertos e citados por este autor como “Casa dos Homens”.



de atendimento e de proteção é voltada às vítimas femininas. Poucos são os serviços para os sobreviventes masculinos de incesto ou de outras formas de violência sexual” (p. 40).

Esta imunização intrínseca no imaginário social é compreendida como decorrente de uma sociedade patriarcal e machista, que, de maneira intensa, rejeita e nega todo e qualquer gesto de dor, fraqueza e vulnerabilidade que possa vir a ser demonstrada pelo sexo masculino. Contrariando esta ideologia, a realidade se mostra bastante perturbadora, no que Nasjleti constata que “as vítimas masculinas de violência sexual freqüentemente sofrem em silêncio, revitimizando a si próprios”, uma vez que “a vítima sente vergonha, medo de estar psicologicamente doente e de ser desacreditada por parentes ou pessoas próximas.” (1980, p.42, *op.cit. apud* MELO e OLIVEIRA, 2007, p.73).

Abuso sexual contra meninos e rapazes – algumas estatísticas no brasil e no mundo

Seabra³, em seus mais recentes estudos no *The American Humane Association*, estima que o abuso sexual de crianças e adolescentes, nos Estados Unidos, atinja em torno de 450 mil casos por ano. Os números absolutamente alarmantes, porém, não fazem parte de estratégias de manipulação inconseqüentes ou mesmo de uma única e exclusiva prerrogativa americana – como abordado em Melo e Oliveira (2007), o câncer da violência sexual contra crianças e adolescentes estende seus braços praticamente em todos os países do globo, sejam os mesmos pobres ou ricos, sem distinção.

Enfatizando a importância do desvelamento destas informações e do entendimento do abuso sexual contra crianças e adolescentes como sendo uma expressão da questão social num país, Pandey (2007)⁴ denuncia dados alarmantes quanto ao percentual de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual na Índia - reportando-se de forma mais específica ao abuso sexual contra meninos e rapazes, a jornalista aponta que “O estudo revela ainda outros dados desconhecidos, como por exemplo o fato de que, ao contrário do que se acreditava até agora, meninos correm os mesmos riscos de abuso que meninas.”

O Sri Lanka é uma nação que vem se destacando frente à mídia internacional no tocante ao enorme número de casos de abusos sexuais infanto-juvenis contra meninos e rapazes – os quais retratam uma média de vinte casos de meninos para um envolvendo uma menina, por exemplo, numa escala tragicamente inversa ao que é retratado nas estatísticas destes crimes no restante do

³ <http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/andreseabraabusosexual.htm>

⁴ http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070410_indiaabusoml.shtml



mundo, segundo Seneviratne (1999)⁵. O perfil dos abusadores sexuais constitui-se de estrangeiros que buscam se satisfazer abusando sexualmente de meninos e rapazes do país. Ainda em se tratando desta escala sem comparações, Aloysius (1999) traz estatísticas apresentadas em um seminário sobre o tema, as mesmas revelam a exploração sexual infanto-juvenil do sexo masculino, apontando a existência de “[...] 30.000 meninos de programa no Sri Lanka, 100.000 nas Filipinas e outros 100.000 em Taiwan.” (p. 197)

O Sri Lanka não é o único país da Ásia em que meninos e rapazes são vítimas de violência sexual – a ocorrência deste crime também ostenta um cenário similar em outras nações asiáticas: Índia, Nepal, Birmânia, Camboja, Paquistão, Tailândia e Bangcoc, são países onde pode-se observar o peso de uma cultura milenar na qual a mulher ainda é encarada como um peso inútil, quando em relação ao aspecto do trabalho braçal; vista como um ser que, por sua condição feminina, gera apenas despesas – principalmente quando à época do casamento, no qual as famílias das noivas devem prover os dotes aos futuros noivos – e onde ainda hoje é praticado o infanticídio feminino⁶.

Em meio à escassez de emprego e excesso de miséria, os filhos do sexo masculino são largamente enviados para a prostituição, onde são abusados e explorados sexualmente – conforme relatou a Aloysius (1999), uma assistente social do Sri Lanka, ao perguntar o porquê de um pai permitir que seu filho adolescente fosse abusado sexualmente por pedófilos, obteve a seguinte resposta: “Meu filho não pode ficar grávido. Então, que tem demais, se ele traz dinheiro para casa?” (p. 199)

Um dos primeiros autores internacionais a trabalhar a desmistificação a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino, Sebold (ibid), por meio de seu artigo “Indicadores de Abuso Sexual de Meninos e Adolescentes” expõe, utilizando-se de David Finkelhor:

Comparando cinco estudos que incluem dados sobre a prevalência de abuso sexual entre rapazes, David Finkelhor sugere que, entre crianças e adolescentes masculinos menores de treze anos ou que ainda não atingiram a puberdade, a taxa de abuso sexual deve ser em torno de 3,5% e 5%, isto é, aproximadamente 46.000 a 92.000 vitimizações podem ocorrer a cada ano. (2007. p. 02)

Se os dados internacionais mostram escassez quanto à temática abordada, no Brasil percebe-se uma quantidade ainda menor de informações. Reportando-se ao cenário nacional, a pesquisa “A Ponta do Iceberg: Pesquisando a violência doméstica contra crianças e adolescentes”, realizada pelo

⁵ Maureen Seneviratne, escritora e jornalista cingalesa, autora do “The Sexual Exploitation of Children in Sri Lanka” (1984) e “CSEC, The Crime against children” (2006), entre outros, nos quais denuncia a exploração sexual de meninos e rapazes no Sri Lanka e em outros países asiáticos.

⁶ Nome dado à prática de afogar bebês recém-nascidos do sexo feminino em baldes, logo após o seu nascimento. Tal prática ainda persiste em várias regiões e países orientais tais como Índia, China, e outros. É considerada uma das expressões da violência de gênero.



Laboratório da Criança – LACRI/USP⁷, a partir de estudos desenvolvidos pela instituição entre o período de 1996 a 2007, trouxe dados que reforçam o exposto até momento a respeito do abuso sexual contra meninos e rapazes: após uma análise dos números apresentados, viu-se que, mesmo com um visível aumento de registros de casos envolvendo abuso sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino, os dados apresentados possibilitam perceber que dos 17.482 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes denunciados ao longo destes onze anos, somente um total de 3.655 destes casos foram notificados como sendo cometidos contra vítimas do sexo masculino, totalizando-se então, um percentual de apenas 20,9% dos casos, o que novamente revela a grande complexidade do problema da sub-notificação de ocorrências desta natureza, sendo esta complexidade também confirmada por Saffioti (1997 *apud* MELO e OLIVEIRA, 2007, p. 77):

Acredita-se que a presença masculina na situação de vítima deste tipo de crime deva ser muito maior do que o relatado [...] A denúncia, no entanto, é rarefeita dado o alto grau de machismo da sociedade brasileira. Quando um homem, embora criança, é utilizado sexualmente por um adulto, sua reputação cai a ponto de ser igualado a uma mulher. (p. 37)

Podemos comparar também a existência de números de ocorrências existentes entre as vítimas de sexo masculino e as de sexo feminino – as grandes diferenças entre as notificações ressaltam mais uma vez o caráter da sub-notificação quanto a casos envolvendo violações de meninos e rapazes. Nota-se, que, em meio ao maior número de casos das vítimas femininas atacadas, a faixa etária mais atingida, à guisa das vítimas masculinas, também encontra-se entre os 07 aos 14 anos (22 casos em 2006 e 33 em 2007).

Novamente, é necessário enfatizar que estes números não são um indicativo pleno da realidade – ao que os representantes da comunidade científica dedicados a estudar os casos de abusos sexuais cometidos contra meninos e rapazes alertam, temendo na verdade a existência da ocorrência de casos que venham até mesmo a rivalizar com os números apresentados e conhecidos em relação aos casos de abusos sexuais cometidos contra meninas e garotas, ou até mesmo ser superior a estes.

Meninos e rapazes abusados sexualmente – estigmatização e revitimização

Uma das conseqüências sofridas por meninos e rapazes abusados e violados sexualmente diz respeito a uma posterior confusão e ansiedade sobre a sua identidade sexual. Mey (1998) afirma que “uma das conseqüências para os meninos e rapazes vítimas de abuso sexual pode incluir a

⁷ <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/iceberg.htm#2>



homossexualidade ou o medo de se tornar um homossexual”. (*apud* PINTO JÚNIOR, 2005, p. 52-53)

Entretanto, Pinto Júnior (*ibid*), alerta que deve-se ter bastante cautela e cuidado ao inferir que a experiência de vitimização sexual por crianças e adolescentes do sexo masculino leve necessariamente à homossexualidade. Reforçando este pensamento, o autor, citando Watkins e Bentonvim (1992):

Primeiro, os trabalhos e estudos realizados com homossexuais mostram que a grande maioria não apresenta histórico de abusos na infância e, segundo, uma outra grande parcela de homossexuais não revela interesse sexual por crianças. Por isso, relacionar a violência sexual na infância com a orientação sexual da vítima exige muita cautela. (2005, p.53)

Mesmo não havendo obrigatoriamente a vinculação entre abuso sexual e homossexualidade, as preocupações homofóbicas constituem-se no indicador mais perverso no que se diz respeito ao abuso sexual cometido contra meninos e rapazes.

Koshima (2003) enfatiza que a problemática da estigmatização existente – inserida na Teoria do Estresse Pós-Traumático elaborada por Finkelhor e Browne (1985) – de que meninos e rapazes abusados sexualmente sejam homossexuais acaba por revitimizá-los, na medida em que passam a receber a rotulação de ‘gays’: “é comum a revitimização dos garotos, que costumam ser rotulados de homossexuais, agregando mais um fator discriminatório, constrangedor e humilhante.” (KOSHIMA, 2003; p. 140)

Considerações Finais

Diante do exposto, propõe-se uma maior publicização da violência sexual cometida contra meninos e rapazes, uma vez que este tema urge em ser mais estudado, aprofundado, discutido e inserido nos debates no âmbito escolar, científico, jurídico e na mídia, bem como nas instituições e órgãos que constituem a Rede de Proteção Sócio Assistencial, parte integrante e fundamental do Sistema de Garantia de Direitos – SGD, cujas políticas e programas se voltem à área da infância e adolescência, de modo que esta problemática venha a emergir da obscuridade e da negação socialmente determinadas e da estigmatização impregnada no processo da socialização masculina.

Em que se configura o caráter de gênero destas vítimas, visa-se especialmente a prevenção de futuros ataques sexuais contra outros meninos, rapazes, meninas e moças, homens e mulheres adultos – sem distinção: “A identificação e o tratamento precoce dos meninos vitimizados pelo abuso sexual pode ser uma esperança para as potenciais vítimas femininas, assim como para as vítimas masculinas.” (SEBOLD, 2007, p. 01).



Sendo a violência sexual considerada como uma das múltiplas manifestações da questão social, é vital que os Assistentes Sociais inseridos nas mais diversas áreas, utilizem-se da leitura crítica da realidade e da postura ético-investigativa inerente à profissão, e de constantes capacitações, para que deste conjunto resulte a adoção de um olhar, na prática social, que seja diferenciado e direcionado especificamente às crianças e adolescentes do sexo masculino, visto que estes absorvem e desenvolvem características e aspectos culturais diferentes do processo de socialização vivenciado pelas meninas e garotas.

Esta atenção não se deve se restringir apenas ao Assistente Social atuante no âmbito dos CREAS – os Centros de Referência Especializado da Assistência Social, mas a todos os Assistentes Sociais – assim como as diversas categorias profissionais – inseridos nas mais diversas áreas, instituições e demais órgãos públicos que compõem a rede do Sistema de Garantia de Direitos – SGD.

Bibliografia

ALOYSIUS, Carol. Abuso e Exploração Sexual de Crianças no Sri Lanka. In: *Inocência em Perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na internet*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

BARBIERI, Terezita. *Sobre a categoria Gênero: Uma introdução Teórico-metodológica*. (trad. Antonia Lewinsky). SOS CORPO, set. de 1993.

KOSHIMA, Karin. Palavra de criança. In: *Construindo uma história: tecnologia social de enfrentamento à violência sexual contra criança e o adolescente*. CEDECA-BA Bahia - Salvador: 2003.

MELO, Ana Paula Cabral de; OLIVEIRA, Júlia Graciela de. *Abuso Sexual contra Meninos e Rapazes: desmistificando a concepção errônea da sociedade e derrubando a prisão sem muros do silêncio e da impunidade*. (Graduação em Serviço Social) Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, 2007.

PINTO JR., Antônio Augusto. *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*. São Paulo: Vetor, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Agressões Sexuais contra crianças e adolescentes no Brasil. In: COSTA, João de Jesus da (coord). *Rompendo o Silêncio: Seminário Multiprofissional de Capacitação sobre o Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes – Textos e Anotações*. São Luís: CEDECA-MA; Procuradoria Geral da Justiça, 1997.

SEBOLD, John. Indicadores de abuso sexual de meninos e adolescentes. (Trad. Edileusa da Rocha. Revisão de Eva Faleiros e Vicente P. Faleiros) In: **Social Casework**, 68 (2): fevereiro de 1987, pp.75-80.

Disponível

em:

<http://www.cecria.org.br/banco/indicadores_de_abuso_sexual_sebold.rtf> Acesso em: 25 jul. 2010



SENEVIRATNE, Maureen. Abuso e Exploração Sexual de Crianças no Sri Lanka. In: *Inocência em Perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na internet*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: a dominação das mulheres e homofobia. In: *Revista Estudos Feministas*. 2001. Vol 09, nº02.